

FORA DE SERVIÇO (O verbo enrolado) by PAULO MOREIRA
6 Março 2010

“Experimental dar um empurrão a um pensamento: cairá facilmente; mas o que empurra e o pensamento que é empurrado, ambos produzem esse entretenimento que se chama discussão. Vamos ter uma mais tarde? Ou simplesmente podemos decidir que não vamos ter uma discussão. Como queiram. (...)”
John Cage, “Conferência sobre o nada”, Silence

Demasiadas palavras, demasiadas imagens...tudo estará em excesso se assim o quisermos subscrever. Não é o caso; diria que mais palavras viessem e mais imagens as invadissem. Existe uma zona – parafraseando Jean Cocteau – onde se vive a ilusão, onde se confunde o real com o que se pretendia o fosse; onde o real é a memória recorrente, esse tempo de eterno retorno de que nos falava Octavio Paz. Na minha configuração mental do que seja *Fora de Serviço (o verbo enrolado)*, divido-me entre um vocabulário visual que o pintor nos tem vindo a apresentar ao longo dos anos, acrescido de novos ícones e formulações e a estereotipização pragmática da língua que reina em exercícios de volúpia insondáveis. Certamente, entrarei num labirinto organizado onde os motivos visuais convivem *ad libitum* com excertos de textos de valência performática...recuperando tópicos de conversas com Paulo Moreira. Diga-se que vou entrar – once and again – em *zone*. Pois as palavras escritas correspondem a desígnios, traduzem uma compulsividade criadora que remonta aos primórdios, às origens das expressões artísticas. Recapitulando: sabe-se que a *triunica choreia* teve a sua origem e sequência nos cultos órficos e dionisíacos...Essa tríade – música, poesia/canto e dança – posteriormente designada por “artes expressivas”, persistiu na primazia da explosão psico-afectiva, procurando redensões catárticas e preconizando muito do que seriam as questões relacionadas com uma certa modalidade estética de recepção por parte dos públicos na contemporaneidade... A capacidade em suscitar, em provocar estádios supremos de agitação emocional nos espectadores era um dos indicadores do dom (outorgado pelos deuses) e pelo virtuosismo do *aedo*, esse antepassado – talvez – do performer, do artista que seja em si obra. Ou seja, assim se entenda que ao penetrar em *fora de serviço* se desencadeiem (presumo isso possa ocorrer) enunciações de angústia, de contorcionismos afectivos, de pulsões radicais (perdoe-se o pleonasma)... Sublinhe-se o facto dessa profunda aderência do pintor à música e à literatura. Estas constroem uma unidade com as suas musas visuais que Paulo Moreira acreditou... A condição performativa subjaz à intencionalidade realizadora da obra em exposição; seria uma dupla exposição: as obras bi e tridimensionais e, por outro lado, a assunção identitária que assume as afirmações e deambulações semânticas *versus* os delírios iconográficos e iconológicos patentes. E, no centro de tantos elementos, de tanto pensamento, impõe-se o silêncio.

Maria de Fátima Lambert